

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 63, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 120 rs.

A MARMOTA.

O NOVO GABINETE.

Bem que a *Marmota* não seja uma folha politica, votada como é aos interesses do paiz, não pôde prescindir de consignar em suas columnas peças officiaes, como a que abaixo transcrevemos, proffissão de fé do ministerio de 10 de Agosto, que substituiu o de 12 de Dezembro do anno passado, feita perante a Camara dos Srs. Deputados pelo Presidente do Conselho de Ministros o Sr. Senador Angelo Muniz da Silva Ferraz, de quem o paiz tem justos motivos para esperar alguma coisa mais do que o que se tem podido fazer até hoje.

« Já vos é bem conhecida, senhores, a organização do gabinete de que faço parte; toca-nos agora patentear-vos o plano da politica que temos de seguir.

« Não dissimularei que vimos de tomar sobre nossos hombros um encargo muito pesado; comprehendemos e avaliamos perfectamente a gravidade da situação em que nos achamos; conhecemos as forças diminutas que temos e a extensão do empenho que contrahimos para com o paiz.

« Mas, ligados em um pensamento e em uma

vontade, na esperança de obtermos das camaras legislativas o apoio necessario, não recuamos ante as difficuldades que vós todos conheceis.

« Sahidos do seio da representação nacional, conhecemos perfectamente a nossa responsabilidade e as condições do systema representativo.

« Evitaremos, pois, todos os nossos esforços afim de podermos manter a necessaria harmonia entre o poder executivo e as camaras legislativas. Neste intuito lançaremos mão de todos os meios legitimos para obter a confiança, que é essencial a um gabinete parlamentar, que sabe do seio da representação nacional.

« O nosso pensamento a respeito dos negocios externos, é todo de benevolencia e paz, mas de paz sem quebra da dignidade, dos interesses e direitos do Imperio. (*Apoiados*).

« No interior, mediante o concurso de todos os homens de merito, que aceitamos e muito anhelamos obter, quaesquer que sejam as suas opiniões, sem preterição dos principios de justiça e moderação que devem asselar os actos de qualquer governo regular, tomamos a peito manter as instituições juradas, observar e fazer observar com lealdade a legislação do paiz, promovendo ao mesmo passo seu melhoramento e perfeição como a experiencia aconselhar.

« A par deste empenho outro temos de não

menor magnitude, e é promover quanto em nós couber, e conforme os recursos do thesouro, os melhoramentos moraes e materiaes de que precisa o paiz.

« A nossa situação financeira não é lisangeira, e não o será enquanto actuarem certas causas que vas são conhecidas para o desequilibrio entre a receita e a despeza do Estado. A mais restricta economia é, portanto, uma lei de necessidade para nós e para os representantes da nação.

« Em nosso systema economico tem ultimamente surgido questões de muita gravidade e grande importancia, que requerem um exame reflectido e maduro, e reclamam o mais profundo estudo.

« Em tempo opportuno, senhores, a vossa attenção será occupada com objectos de tão alto alcance.

« São estes os principios que nos guiaram na rota que encetamos: esperamos, portanto, à vista delles, merecer o apoio e confiança dos representantes da nação, sem o que não é possível que vivamos parlamentarmente. (*Muitos apoiados; muito bem, muito bem.*)

A ITALIA NO XIII SEculo.

DANTE.

Entre a antiga e a nova sociedade um homem servo de transição — é Dante.

dos vinte aos trinta e dous, em uma companhia de ladrões, a quem commandava como chefe. Era esta celebre quadrilha o terror das estradas do Minas-Geraes, e de S. Paulol Nessa vida de sangue, e de crimes, acostumado a vêr prantos, e horrores entre sorrisos infernaes, e a vêr mortes no meio de uma orgia de saingrentos furores, e com uma frieza glacial, que vinha a ser para elle uma, ou duas vidas!

Agora vejamos o porque Marcos compareceu no logar onde Laura julgava encontrar o seu bello caçador.

Em uma das vezes das ternas sedes desta joven, foi encontrado por Marcos, quando ia a casa de Laura social-a; Marcos perguntou a Laura quem elle era, e ella lhe-dice, que um moço caçador, que pedira agoa, mas que o não conhecia: não obstante, Marcos era assás desconfiado, e o caçador assás formoso, para que Marcos não visse nelle um rival feliz; e des de então espreitava tanto ao joven, como a Laura.

Lembrados estaremos que houve uma manhã, em que o caçador foi, como sempre, pedir agoa a Laura, e que nessa manhã Marcos lhe-diceira que ia á Cidade: pois bem; saibamos agora que Marcos tinha visto o caçador sahir da casa de Laura, que tal viagem era fingida, e que tudo era cilada. O eservo, portador das cartas contar-nos-ha o resto.

Agora voltemos á Laura.

POLHETTIN.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONCALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1063.)

O desconhecido tira debaixo do seu capote uma lanterna furta-fogos, cuja luz fazendo repentinamente brilhar junto a seu rosto, dice:

— Olha.

— Um phantasma!

— Adivinhaste: é pois com um phantasma que luctaste, e um phantasma é quem te falla... Agora vê si sei ou não de todos os teus crimes?...

— Mas...

— Silencio. Queres a vida?

— Para me-arrepender.

— Tu não és susceptivel desses sentimentos, mas não importa: a Deos pertence julgar-te. Todavia eu te-dou a vida com tres condições: queres?

— Quero.

— Muito pôde o medo da morte n'uma alma fracaal... Pois bem: tu viverás com as condições seguintes: 1.ª que nada dirás a respeito desta aventura, e mormente no Rio de Janeiro: acceitas?

— Acceito.

— 2.ª Que dentro de oito dias deixarás esta Cidade para a ella jamais voltares: acceitas?

— Acceito.

— 3.ª Que em antes da tua partida escreverás a Laura uma carta, cujo conteúdo eu dictarei: acceitas?

— Acceito.

— Olha que te-enganas, si presumes enganar-me... Si dentro de oito dias não cumpres o que promettes, irei delatar teus crimes aos tribunaes competentes, e enfao... Marcos... o cadafalso, e a morte!

CAPITULO XIV.

EU TE-HEIDE AGRADECER.

No meio de todas as scenas do medonho horror, o homem meditando depara sempre com o poderoso dedo da Providencia! O malvado vive tão somente em quanto Deus faz delle o instrumento de sua incomprehensivel Justica; e por seu turno acha outro malvado, que igualmente o puna. Deus é justo.

Visto termos tanto fallado em Marcos, digamos a seu respeito alguma cousa. Era elle um cavalleiro de industrias de boa presença, que passára os seus bellos annos, des

Este homem é o reflexo dos dous mundos; pertence ao mesmo tempo á civilização latina e á idade-media.

Os dous bellas vultos de Virgilio e de Beatrix são as personificações d'essa aliança ainda sensível no decimo terceiro seculo, entre o genio da antiguidade e o genio dos tempos modernos.

Não deixa de ser um dos grandes triumphos da intelligencia de Dante fazer uma mulher representar a civilização christã.

Os dous grandes genios da epopea moderna, Dante e Milton, apparecem em duas épocas de transição. Um entre a antiguidade que termina e a idade media que começa; o outro entre a idade media que termina e a actualidade, que se annuncia pela Reforma.

Entremos no estudo do primeiro d'estes genios: estudemos Dante.

O espirito do homem desenvolve-se sob a influencia de tres causas exteriores: O movimento intellectual e religioso do seu seculo; os movimentos politicos nos quaes entra como autor e como test-munha; o seu estado social e as particularidades mais notaveis de sua vida.

MOVIMENTO INTELLECTUAL E RELIGIOSO DO XIII SEculo.

I

Entre as sociedade romana e italiana ha um intervallo que preencheremos com algumas palavras.

As legendas da idade media citam a aventura de um diabo, que depois de haver estrangulado o inimigo alojou-se no seu corpo, acabando por adoptar os seus costumes, suas inclinações, todos os seus menores habitos.

Esta allegoria não representa mais do que o catholicismo que depois de haver assassinado a sociedade antiga entendeu que devia

Quem ha ahí, que vendo Laura correr para sua casa, fugindo d'entre as mãos de Marcos, não a supponha cheia de susto, cortada de medo, e estremecendo ao mais leve rumor de uma palha? Vós-vos aligurais que a vedes encerrada em seu quarto sempre, e sempre; si sahe até a vizinha sala é sempre espreitando tudo, e de tudo receiosa. A voz de Marcos, desse terrivel visinho, cujo nome só é assás para seus terrores, lhe brada incessante em seus ouvidos:—Tú morrerás.—Por outro lado, a respeito desse generoso desconhecido, vós julgareis que ella pouco não tem em que cuidar. Certo não era o seu lindo caçador! e quem no seu jardim n'aquelle momento, e a taes deshoras? Como soube Marcos que ella, e o caçador deviam ter uma entrevista, e n'aquelle lugar? Vós suppondes que estes são os pensamentos, que ruminam na cabeça de Laura; e todavia, estes eram. N'aquelle mesma noite Laura faz chamar o preto, portador das cartas, e lhe-inquire sobre ellas; e o escravo balbucia, Laura se irrita, Laura quer saber, e o escravo conta que trazendo a carta do caçador, Marcos lh'a tomára, abriu e lêra, e ao depois fechando-a lhe-dice que a entregasse a sua senhora, e que a resposta, que ella desse lhe-levasse n'aquelle mesmo lugar onde elle, Marcos, o esperaria, e que si alguma cousa a tal respeito dicesse a sua senhora o mataria; e por esta razão elle dera á Marcos a carta, que Laura mandava ao

incarnar-se nas instituições pagãs, e animamo-nos a dizer, nos proprios órgãos de seus adversarios.

No XIII seculo podia-se considerar a sociedade sob dous aspectos. Havia a ordem espirital e a temporal; o Estado e a Igreja; o imperador e o papa.

O clerigo tendia a confundir os poderes; e o dogma a embaraçar a politica, não para transformal-a, mas para apropriar-se do governo do mundo.

Dante, como quanto se oppozesse á união dos dous principios, não deixou contudo de curvar-se, á seu pezar, á tendencia do seu seculo, envolvendo no dogma da vida futura o seu pensamento, a historia d'esse mesmo seculo e a humanidade inteira.

Dante nem mesmo tirou de sua pessoa o assumpto de seu poema: este assumpto foi-lhe fornecido pelas preocupações geráes do seu tempo.

O clerigo querendo estabelecer a autoridade em bases subnaturaes nada podia achar de melhor para dominar as consciencias do que o temor do inferno e os attractivos das recompensas eternas. A que ponto este temor subio no XIII seculo e o que difficilmente pode-se imaginar. M. Edgard Quinet representa-nos o terror como base da religião dos romanos; este terror sobreviveu, implantando-se nos dogmas da Igreja, nos seus monumentos e sobre tudo no espirito das populações christãs.

Analysando-se unicamente as cousas sob o ponto de vista humano, ainda assim se e forçado a reconhecer que nesta exploração do medo não havia mais do que um habil calculo e uma politica que se conformava com os designios da Igreja. Só o medo do inferno poderia subjugar esses indomáveis barbaros, cuja audacia levava os a ameaçar o proprio solo da Allemanha-Era preciso que esse raio estivesse pendente sobre a cabeça d'aquelles Titans do Norte, para que

caçador, a qual lida por elle, como a primeira, mandára o escravo levá-la ao seu destino.

Laura fez retirar o escravo, talvez para que o caso não soasse mais, pois ella desejava que ninguem delle soubesse. Por este lado ella estava satisfeita, pois sabia já o motivo da subita apparição de Marcos tão intempestiva, e em uma hora tão importuna: mas o desconhecido?... Os tremores, que Marcos lhe-causava?... Eis aqui um tormento de morte!

Visto que ante nossos olhos compareceu a carta do caçador a Laura, justo é que a desta á aquelle igualmente venha á nossa revista: eis aqui o que Marcos lheu:

« Formoso Caçador, homem á quem amo, e á quem receio, mortal á quem adoro, e a quem temo! tú és para mim tão incompreensível, como as tuas palavras! O amor, que sinto por tí é para mim um enigma, como a tua carta! e com effeito eu te-amo! Tú és tão formoso, como as rosas do meu jardim, e és tão espinhoso para o meu coração, como ellas são espinhosas! Eu te-amo não é porque és formoso; mas eu te-amo! Serás tú um demonio tentador, ou um anjo de salvação? Eu não sei o que tú és, mas sei que te-amo. Eu tinha tantas cousas para dizer-te... mas tudo me-esqueceul... Que queres tú de mim? Eu quizera dar-te a minha vida, mas não o meu coração! Eu qui-

se contivessem nos seus planos. Na historia de Florença, patria do nosso poeta, um só mysterioso drama encontramos, ao qual Dante não assistio, mas de que teve sem duvida conhecimento pelas tradições do seu tempo. O assumpto desse drama havia deixado profunda raizes no espirito publico tanto as imaginações de então achavam-se impressionadas pela sombria visão da eternidade, e foi elle, foi esse assumpto que presidió á confecção da *Divina Comedia*. O Inferno, o Purgatorio e o Paraizo formam a divisão dos seus tres actos.

(Continúa.)

A ARCA DA FAMILIA

Romanço original

POR

A. A.

(Continuação do numero antecedente.)

André tinha alma de artista, coração de anjo, e bondade de santo. Nunca deixara de soccorrer o pobre, que vinha chorar a sua porta; julgava que a caridade era a primeira virtude.

Generoso e humano tomava parte nas desgraças alheias como se fossem suas; talvez, que a desgraça de um seu amigo o fizesse morrer; os infortunios de Luiz XIV não foram a causa da morte do poeta Racine!

Assim que Paulo sabia, Andre foi começar o seu trabalho, mas sentio-se tão triste, que esquecendo-se de tudo, começou a dizer consigo:

—Que vida e que destino é o meu! Amar a uma mulher bella como a Virgem dos Rochedos de Van-Dick, achar nessa mulher

zera dar-te toda a minha alma, mas não o meu amor! Eu te-amo, mas não quero amar-te: Quero que tu sejas meu, mas não meu só; quero que sejas meu, mas eu não quero ser tua! Eu queria declarar-me contigo, e não sei o que te- quero dizer! Tu não me-pódes entender, e nem eu explicar-me contigo! Enfim eu te-amo, como não se-conteuma amar, mas não é amor de amante, e todavia é amor! Queres uma entrevista? si julgas que eu possa voltar-della tão pura aten respeito, tão pura como a ella fór, eu t'a concedo... Depois de anoutecer, debaixo da mangueira grande, no fundo do jardim. Adeos... »

Alguns dos meus leitores mais soffregos, tendo acabado a leitura desta carta, e comparando-a com a do caçador, dirão meio agoniados:—O auctor desta historia estará se-divertindo á nossa custa? Assim dice eu a quem me contou esta historia, e elle me tornou muito socgado:—Tenha paciencia, e vá ouvindo. Assim, pois, digo eu aos meus leitores:—Tenham paciencia e vão ouvindo.

Tambem nos-hade parecer muito bem escripta esta carta para aquella Laura, que dice a Florindo que má tinha sido a sua educação; mas devemos notar que esta mulher, bastante viva, depois de casada com Augusto, tinha-se dado á leitura de algumas perigosas novellas, e estudava mesmo os meios de mais se-desembaraçar.

(Continúa.)

os encantos, que Dante achou em Beatriz, que Petrarca encontrou em Laura, e não poder dizer a essa mulher—eu te amo! não poder cahir a seus pés, e pedir-lhe um olhar, um sorriso; ah! que destino é o meu!

—Amo a Elvira como amaria a minha mãe, se Deos me a tivesse enviado, mas como dizer-lhe o meu amor! Ella é tão rica e tão nobre! Seu pai foi um titular, seu irmão é um fidalgo, e eu o que sou?..

—Se por ventura em um momento de desespero, não podendo conter no coração todo o meu amor, fosse eu dizer a essa mulher, que a amava, não me perguntaria ella:

—Mas quem és tu? quaes são os teus pais, qual a tua familia? E se eu dissesse, sou orphão, fui criado em uma roda de enfeitados, sou um pobre artista... o que faria a mulher rica e nobre? não me lançaria um olhar de desprezo e desdém!

—Ah! que vida e que destino é o meu!

—Mas Paulo me disse, que sua irmã mandava-me convidar a ir á sua casa! Por que me desejará ver? saberá do amor, que lhe consagro, e me quererá insultar no seu proprio palacio? Se assim fosse... Mas não, ou a tenho visto tantas vezes, e sempre ha tanta bondade e candura no seu semblante, que, quando a encaro, julgo que estou olhando para uma santa!

Ah! que amor desgraçado é o meu!

Mas o moço orphão e pobre, deve ir dizer a essa mulher rica e nobre, que a ama? Não, não o farei, morrerei com o meu amor!

CAPITULO II.

A MENDEGA.

Paulo tinha 29 annos, physionomia alegre, olhar vivo, e cabellos pretos. Nos seus labios parecia haver sempre um riso, o prazer como que se expandia no seu rosto.

Nobre de sangue e nobre de coração, era Paulo um verdadeiro fidalgo, e assemelhava-se a esses mancebos da idade media, que para sustentarem um nome, para defenderem uma idea, abandonavam as suas amantes e os seus palacios, e com uma cruz encarnada no peito, iam combater pelo seu Deus, e pelo seu rei!

O seu pai, depois de uma vida gloriosa, deixara ao joven fidalgo uma riqueza de príncipe, e um nome de heroe, e Paulo mostrava-se digno de tão bella herança.

Quando sua mãe morrera ainda elle era criança; Paulo vivia com sua irmã.

Elvira era uma moça linda como o retrato da caridade de André del Sarto; nas suas faces e nos seus labios havia a cor bella e purpurina da rosa, os olhos eram brilhantes e negros como os de uma Andolusa; os seus cabellos assetinados e pretos, assemelhavam-se a um véo de seda, que lhe cahia pelos hombros. Havia tanta serenidade no seu rosto, tanta candura no seu riso, tanta bondade na sua voz, que quem a visse diria—ali está uma santa.

Elvira amava a Paulo como a príncipeza Maria Thereza amava a seu irmão Luiz XVI; porem em sua alma já começava a brotar também um outro amor, que em breve, deveria encher todo o coração dessa moça de 15 annos.

André o artista vinha sempre a casa de Paulo; este moço, apesar de rico e fidalgo, sabia acatar o talento e a honestidade; chamava a André de seu amigo.

Elvira mostrava-se alegre e contente quan-

do via o pobre artista. Não sabia comprehender ainda, qual o motivo do interesse, que lhe causava André; também o pobre moço não tinha ainda ousado dizer á irmã de Paulo o amor, que lhe consagrava.

Em presença do Elvira André tornava-se acanhado, receoso, não ousava lançar um olhar para ella, a quem desjeria estar sempre vendo, não tinha um riso para essa mulher, a quem de coração daria toda a sua vida: parecia respeitá-a como a imagem da Virgem, que tinha sobre sua meza.

Entretanto cada dia André amava mais a Elvira; e o seu amor era tão vehemente, que apesar do pobre moço querer alogal-o no seu peito, via que esta paixão o arrastava sempre para junto da irmã de Paulo.

E como se pôde matar um amor ardente! Fossem dizer a Abailard, que deixasse de amar a Heloisa, obrigassem Camões a esquecer-se de Catharina de Athayde.

—Sim, amo muito, dizia André, mas de que serve amar assim, é um amor sem esperanza e sem futuro. Posso eu crer, que essa mulher ainda me amará? Não, é impossível. Seria o mesmo que pensar, que aquella estrellá, que brilha no céu, pôde vir cabir na minha officina. Como sou louco, eu um orphão, um pobre, um artista sem nome, pensar em obter o amor da fidalga rica e bella! Que loucura é a minha: sei que Elvira tem alma de um anjo, tenho visto o riso em seus labios quando lhe fallo, mas o que quereá dizer esta alegria, que ella mostra assim que me vê? talvez por me sentir sempre triste e pensativo procure assim distrahir-me, talvez tenha dó de mim! porém amar-me, como posso crer que uma santa possa amar ao enfeitado da roda! Ah! então para que este meu amor, e para que esta minha vida! não é melhor acabar esta existencia tão triste: não é melhor morrer já, do que morrer daqui a algum tempo, só, diante do meu trabalho? quero morrer, quero abandonar esta vida e este amor infeliz!

E André collocou sobre a meza duas pistolas, que estavam carregadas.

(Continúa.)

SUPPLICA.

Rosto d'anjo, formosa donzella
Que me vês pensativo a teu lado;
Não te move um desejo, não queres
Escutar um amor desgraçado?

Não te move o desejo d'ao menos
Escutar essa historia d'amor?
Não importa a mudex de teus labios
Qu'eu affeito já stou ao rigor.

A tristeza que n'alma eu encerro
Deixarei existir no meu peito;
Ja que soffro, qu'importa um tormento?
Para a dôr devo star muito affeito.

Mas não fallas, não dizes ao menos,
Que tens pena do meu coração?
Qu'em meus olhos já leste uma phraso
Que l'exprime uma ardente paixão?

Deixas qu'eu vá viver pelo mundo
Afiagando uma idéa na mente,
Sem ao menos gozar em teus labios
D'uma prova d'amor innocente?

Ah! donzella, concede por Deos
Para quem tanto t'ama um olhar...
Desses que no seu terno volver
Fazem n'alma a esp'rança brotar.

Por R. L.

A' * * *

Junto a mim vem te sentar
Nesta amena solidão,
Vem tua fronte inclinar
Junto do meu coração...
Vem, não temas, eu sou teu,
E teu amor não é meu?

A' sombra deste arvoredor
Que descamba em verde ramo,
Sentemos; olha o penedo,
Ouve nelle o gaturamo,
Em seu magico trinar,
Ligeiras notas soltar...

La embaixo, o lago corre
Em aguas d'alvo crystal!
No oriente o sol já morre,
Sopra um ar celestial!
Como é bella a côr de anil
No lindo céu do Brazil!..

Nessa hora do crepusculo,
Maga brisa perfumada
Bufeja a terra n'um osculo;
Bo-boleta descuidada
Pousa alli, saúda a flor,
Voa—apoz leve rumor.

Nesta hora de poesia
Vem junto a mim te sentar,
Contente eu goze a magia
De teu magico fallar...
Anda, vem, não tardes tanto,
Lê o desejo em meu pranto!

Corre á mim; corre, meu anjo,
Alenta meu coração,
Vem oh! mulher! oh! archanjo!
Nesta tarde de verão,
As minhas juras ouvir
D'envolta co'o meu carpir!

Dá-me a mão, ai, vem comigo,
Levanta os olhos do chão;
Não tremas, sou teu amigo!
Vem dar-me do coração
Meiga phrase bem sentida!..
Dá-me um sim, co'elle a vida!

Porque côras? o rubor
Que na tua face eu leio
Porque nasce, se de amor
E' tão puro o nosso enleio?
Apaga, apaga, esse lume;
Em que te abrasa o ciume.

Não deve em ti persistir
A cruel melancolia;
Não ha de que succumbir,
Recobra a tua alegria...
Vem dizer bem junto a mim
Porque soffres tanto assim.

Vem dizer-me que martyrio
Punge tu'alma divinal..
Essa alma pura qual lirio,
Como ousou malvada sina
Impunemente offender
E fazel-a entristecer!

Não! que não pôde a má sina
Ferir os anjos de Deost. .
Mas teu scismar me fascina,
Augmenta pezares meus!
Vê... a tou mandou rendida
Tens minh'alma, a minha vida!

Eu te amo, como a brisa
Ama o aroma da flôr;
Como Abeillard a Heloisa,
Como Cresco—o esplendor!
Como ama o firmamento
O seu lúcido ornamento!

Amo-te com fogo ardente,
Qual Petrarcha a Laura sua,
Como com fô ama o crante,
Como o poeta ama a lus,
Como presa a onda o mar,
Como o proscripto o seu lar!

Tudo disse, já me ouviste...
Só não te disse o soffrer,
Qu' impresso em meu rosto existe,
Que em meu rosto podes ler...
Me ouviste, não é assim?
Volta-te agora p'ra mim...

Rio—Junho 1859.

Rodrigues Proença.

Quanto eras bella.

Quanto eras bella, nem eu sei dizer-te,
Que a phrase morre, se recreo a dôr;
Porém se um dia te julguei divina,
Não foi loucura, nem mentido amor...

Pergunta á brisa, que affagando brinca
Co'as tranças tuas n'um brincar sem fim,
Porque suspira quando a noite em trevas,
Porque sem ver-te se lamenta assim?

Carminea rosa se teu peito enfeita,
Murchar as pet'las, só rostando espinhos:
A flôr vegeta quando o tronco é rude,
Mas cabe desfeita, onde ha mais carinhos!

A branca estatua de esmerado artista
Pôde ser bella e ser tambem perfeita;
Porém que importam seus encantos todos
Se os seus labios um sorrir não enfeita?

Quanto eras bella, não te disse a lua
Num céu de anil... a divagar morosa?
D'aurora as galas e da tarde os crepes,
Inda não dizem quanto és tu formosa?!

Quanto eras bella, não perguntes, não,
A um'alma exangue que em delirios vivo...
Foi sonho tudol... meu amor calei-te...
E só a ideia de adorar-te tive!...

AM.

O MEU AMOR.

Le jour n'est plus pur que le fond de mon cœur
(Lucini).

Como a mãe que alegre beija
A face do seu filhinho
Ou como a pomba innocente
No deserto ama o seu ninhol

Como o nauta o seu batel,
Como o bardo a sua lyra,
Como tambem o proscripto
Ama a terra que suspira.

Igual amor te consagro
Esta é a voz da verdade
Eu te amo... não... te adoro
Como minha Divindadel

Vi nos teus labios o riso
Quando encarei para ti
No requinto do prazer
De mim proprio m'esquecil

Ja revelei-te o segredo
Guardado no fundo d'alma
Agora tu não desprezes
Este amor que não s'accalma.

E s'acaso o desprezares
Com cruel ingratição
Os meus gemdios sentidos
Nas trevas se perderão.

Considera um só momento,
Dá valia ao meu amor,
Não queiras fazer na haste
Murchar tão mimosa flor.

A. J. de C. Junior.

Anecdotas.

PINTOR OU MEDICO.

X. depois de hesitar por muito tempo, se deveria estudar antes a pintura ou a medicina assentou que o doutorado era preferivel. Interrogando-lhe alguém ácerca de sua determinação elle respondeu:

—Na pintura todas as faltas ficam expostas, e na medicina são enterradas com os doentes.

UM ABBADE QUE NÃO DIZ MISSA.

O celebre abba de Prevoist quando foi nomeado capellão do Principe de Conti, este lhe disse.

—Snr. abba de, quizeste ser nomeado meu capellão, mas ficou sabendo que eu não gosto de ouvir missa.

—E eu, senhor, tambem não gosto de dizel-a!

RECEITA.

COLD-CREAM PARA A PELLE.

Espermaceo..... 70 grammas.
Cera branca..... 30 »
Oleo de amendoa..... 300 »

Fazei fundir no banho maria e escorrei depois n'um gracho de marmore. Triturai e batei até que tenhais um creme branco exempto de godilhões. Ajuntai, por pequenas porções:

Agua de rosas..... 60 gramma
Tornai a bater sempre, no fim da operação, derramai algumas gottas de essencia de rosas para perfumar vosso creme

OS HOMENS

JULGADOS PELAS MULHERES.

(Continuação do n. 1073.)

Toda a mulher está certa da affeição exclusiva de seu amante quando ella não exija a sua duração por mais de algumas horas.

(Mme. FLORA TRISTAN).

Não são os desejos de um amante que offendem, são as suas esperanças.

(Mme. C. FÉE)

Nada ha mais perigoso para uma mulher honesta do que um amante prudente e respeitoso, por que o seu comportamento affasta toda a suspeita de perigo, e torna-o, por esse meio, quasi inevitavel.

(Mme. D'ARCONVILLE).

AMANTES DAS CORTEZANS.

As cortezans antigas faziam muitas vezes dos seus amantes, heroes ou poetas; as amasias de hoje tornam-os palidos, efeminados, mesquinhos tanto no physico como no moral; seu vicio é sem grandeza, seu proprio luxo, amesquinhado e plebeu, é de inferior quilate. O contacto das Aspasias e Laís civilisava os jovens gregos; a convivencia das cortezans modernas embrutece os nossos mancebos.

(Mme. ROMIEU).

AMBIICIOSOS

Um ambicioso é um cégo montado n'umas andas.

(Mme. WOILLEZ).

Um ambicioso sacrifica tudo para chegar ao seu fim: os obstaculos incitam-no, o bom exito anima-o. Entretanto, nunca pôde estar satisfeito; está constantemente n'um estado de irritação que acaba por devoral-o.

(Mme. DE CHALOT, viúva TALMA).

Não ha nada mais inflexivel do que um ambicioso que do mal de outrem espera bem para si.

(Mme. DE STAEL).

MONUMENTO

EM MEMORIA DO BRIGADEIRO

MIGUEL DE FRIAS VASCONCELLOS

E DE SEU IRMÃO

FRANCISCO DE PAULA VASCONCELLOS

MARCHEAL DO EXERCITO

Offerecido a seu sobrinho

O EXM. SR.

MANOEL DE FRIAS VASCONCELLOS

PRESIDENTE DO PARÁ

PELO EDITOR

F. DE PAULA BRITO.

Esta obra que contem não só tudo o que foi publicado nesta corte e nacidade do Pará sobre a vida e morte de Militares tão distinctos e populares, como o mais que foi escripto só e unicamente para complemento d'ella, acha-se prompta, formando um bello volume de mais de 90 paginas em bono papel e typo.

Entrega-se aos Srs. Subscriptores na loja do editor, Paula Brito, praça da Constituição n. 64. Os nomes que se achavam nas listas já recebidas, estão no fim do volume; os d'aquelles Srs. que assignarem ou comprarem a obra, serão publicados opportunamente na Marmota.

Typographia de Paula Brito

64 -- Praça da Constituição -- 64